

O Maquiavel das cartas: os paratextos de algumas antologias da segunda metade do século XX

Machiavelli in Letters: paratexts in some of the anthologies on the second half of the twentieth century

Andréia Guerini

Eliziane Mara de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo analisa a forma como são organizadas, na segunda metade do século XX, algumas antologias de cartas de Maquiavel em quatro línguas: francês, inglês, italiano, e português, com o objetivo de verificar que Maquiavel emerge desse epistolário e, principalmente, dos paratextos inseridos nas antologias.

Palavras-chave: Antologia. Cartas. Maquiavel.

Abstract: This article analyses the way some of Machiavelli's letters are organized in four different languages: English, French, Italian, and Portuguese. Taking in consideration different time periods within the second half of the twentieth century; goal was verifying wich Machiavelli comes from such epistolary: the political author or the literary one. This work has special focus on paratexts.

Keywords: Anthology. Letters. Machiavelli.

Andréia
Guerini

Eliziane Mara
de Souza

324

Introdução

Maquiavel é mundialmente conhecido por *O príncipe* (1513), livro de cunho político que influenciou muitos líderes, mas que também gerou muita polêmica. Não obstante, a obra de Maquiavel é muito mais ampla, incluindo outros importantes escritos de cunho literário, mas como observa Gaeta: “[...] Machiavelli il più delle volte significa il ‘Principe’ meno spesso i ‘Discorsi’ e la ‘Mandragola’ o ‘Belfagor’. Mutilazione d’una personalità che solo pochi hanno avuto la finezza ed il merito di sentire e di cogliere simpaticamente nella sua intrezza” (1961, p. 3).

Não apenas os *Discursos*, a *Mandrágora* e *Belfagor* são desconhecidos do público em geral, mas também o seu epistolário. As cartas de Maquiavel são um rico *corpus*, útil para entender o conjunto da obra do escritor florentino e têm sido divulgadas basicamente através da publicação, dentro e fora da Itália, de antologias. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar como são organizadas algumas dessas antologias, e seus paratextos, a fim de verificar que Maquiavel emerge desse epistolário e que imagem é possível ter do período em que o autor se insere.

Assim, as antologias selecionadas trazem como característica comum o fato de terem sido publicadas em um específico momento histórico, ou seja, na segunda metade do século XX, e são elas: brasileira, publicada em 1996 e organizada por Sergio Bath; francesa, organizada e anotada por Edmond Barincou, de 1952; inglesa, organizada por Allan Gilberth, de 1988; e italiana, de Ezio Raimondi, de 1966¹. Essas antologias foram escolhidas também por representarem 4 países, a fim de se ter um leque de comparações mais significativo.

Maquiavel escreveu aproximadamente oitenta e cinco cartas² no período de 2 de dezembro de 1497 a 18 de abril de 1527. Algumas foram coletadas pelo neto de Maquiavel, outras se perderam e de outras restaram apenas fragmentos e a edição nacional, que será a grande obra de referência, ainda está em fase de elaboração.

Nas cartas, além de detalhes da vida pessoal, a rotina, é possível entrever muitos elementos de caráter político, mas também li-

1 Para este artigo, usamos a oitava edição, de 1983, da antologia de Raimondi.

2 Esta informação foi extraída do site: <<http://www.classicitaliani.it/index090.htm>>, visitado em 22 de junho de 2011. No total, entre as recebidas e as enviadas, chega-se a 325 e o número de cartas escritas por Maquiavel é de aproximadamente 85.

terários do pensamento maquiaveliano³ que se somam aos assuntos filosóficos, históricos, sociológicos. Asor Rosa (2009, p. 551) sugere, por exemplo, que esse epistolário seja lido e visto como uma grande obra de Maquiavel, dada a vivacidade do tom e a astúcia das suas observações.

Contudo, pode-se afirmar que apenas duas cartas se tornaram conhecidas do grande público e estão presentes em quase todas as antologias, com exceção da brasileira, em que só aparece uma delas, justamente a mais famosa, como veremos abaixo. A propósito dessas cartas, Gaeta afirma:

Di tutto l'epistolario del Machiavelli si può dire che il gran pubblico non conosca, di norma, che due lettere: quella celeberrima del 10 dicembre 1513 a Francesco Vettori [...] e quella del 9 marzo 1498, sul Savonarola, in virtù d'una fortunata immagine carducciana. E di queste due, la seconda piú per sentito dire che per diretta e completa conoscenza (1961, p. 3).

A primeira e mais famosa carta é a que Maquiavel anuncia a escrita do *Príncipe*, destinada a Francesco Vettori, como referido acima, em que diz:

E perché Dante dice che non fa scienza senza lo ritenere lo havere inteso, io ho notato quello di che per la loro conversatione ho fatto capitale, et composto uno opusculo *De principatibus*, dove io mi profendo quanto io posso nelle cogitationi di questo subbietto, disputando che cosa è principato, di quale spetie sono, come e' si acquistono, come e' si mantengono, perché e' si perdono. (MACHIAVELLI, 1961, p. 304).

3 Adota-se o termo maquiaveliano, em vez do termo maquiavélico, pela conotação pejorativa deste vocábulo, pois como afirma De Sanctis "Anche oggi, quando uno straniero vuol dire un complimento all'Italia, la chiama patria di Dante e di Savonarola, e tace di Machiavelli. Noi stessi non osiamo chiamarci figli di Machiavelli. Tra il grande uomo e noi ci è il machiavellismo. È una parola, ma una parola consacrata dal tempo, che parla all'immaginazione e ti spaventa come fosse l'orco" (2009, p. 361). À parte as considerações desanctianas sobre o termo, sugerimos ver Bagno (2008), cuja referência completa se encontra na bibliografia deste artigo.



A segunda carta é aquela endereçada a Ricciardo Becchi, embaixador florentino em Roma, em que Maquiavel relata a pregação de Savonarola⁴, em São Marcos, de 9 de março de 1498:

Andréia
Guerini

Eliziane Mara
de Souza

326

Per darvi intero avviso de le cose di qua circa al frate, secondo el desiderio vostro, sappiate che dopo le due prediche facte, delle quali havete hauta già la copia, predichò la domenica del charnasciale, et dopo molte cose decte, invitò tucti e' suoi a comunicarsi el dí di charnasciale in San Marco, et disse che voleva pregare Iddio che se le cose che gli haveva predette non venivano da lui, ne mostrassi evidentissimo segno; et questo fece, chome dicono alcuni, per unire la parte sua et farla piú forte a difenderlo, dubitando che la Signoria nuova già creata, ma non pubblicata, no'gli fussi adversa. (MACHIARELLI, 1961, p. 29-30).

Maquiavel chamava Savonarola de “profeta desarmado”, que não tinha a necessária força para manter seu governo, atributo desejável ao Príncipe. Não obstante, reconhecia o poder de persuasão da oratória de Savonarola sobre os florentinos, como podemos ler em um trecho da referida carta:

Trovatosi adunche il nostro frate in casa sua, hora havere udito con quale audacia e' cominciassi le sua prediche, et con quale egli le seguiti, non sarebbe di poca admiratione perché dubitando egli forte di sé, et credendo che la nuova Signoria fussi al nuocergli inconsiderata, et deliberato che assai cittadini rimanessino sotto la sua ruina, cominciò con spaventi grandi con ragione a chi non le discorre efficacissime, mostrando essere optimi e' sua seguaci, et gli adversari scelleratissimi, tochando tutti que' termini che fussino per indebolire la parte adversa et

4 Girolamo Savonarola (1452-1498) foi um frade dominicano e político nascido em Ferrara, que governou Florença por um breve período no final do *Quattrocento*. Savonarola era contra a corrupção da Igreja e anti Médici, porque representavam, segundo ele, a “degeneração dos costumes” da Renascença. Criou a chamada “fogueira das vaidades” local onde os “pecadores” queimavam publicamente artigos de luxo e segundo consta, foram queimadas inclusive algumas obras de arte pelo próprio Michelangelo. Savonarola desentendeu-se com o Papa Alexandre VI. Por consequência, o Papa mandou prendê-lo e, posteriormente, Savonarola foi condenado à morte. Após sofrer tortura, o frade dominicano foi enforcado e seu corpo destruído numa fogueira feita na Piazza della Signoria em Florença, acompanhado do Frade Silvestro e Frade Domenico da Pescia. Para mais informações ver: PINZANI (2004, p. 10 e ss.); BIGNOTTO (2003, p. 10-11) e o DVD *Empires: Médici: the godfathers of the Renaissance*. N. 2. *Magnificent Medici*.



affortificare la sua; delle quali cose perché mi trovai presente qualcuna brevemente ritratterò. (MACHIAVELLI, 1961, p. 30-31).

O lado crítico de Maquiavel sobressai aqui, porque, após deixar antever o poder de convencimento do frade dominicano, ressalta as “mentiras” com as quais este “coloria” suas argumentações:

Ma havendo dipoi la Signoria scripto in suo favore al papa, e veggendo non gli bisognava temere più degli adversarii suoi in Firenze, dove prima lui cercava d'unire sola la parte sua col detextare gli adversarii et sbigottirgli col nome del tyranno, hora, poi che vede non gli bisognare più, ha mutato mantello, et quegli all'unione principiata confortando, né di tyranno, né di loro scelerateze più mentione faccendo, di inglienirgli tutti contro al sommo pontefice cerca, et verso lui e' suoi morsi rivoltati, quello ne dice che di quale vi vogliate sceleratissimo huomo dire si puote; et cosa, secondo el mio iudicio, viene secondando e tempi, et le sua bugie colorendo. (MACHIAVELLI, 1961, p. 30-31).

O Maquiavel das cartas: os paratextos de algumas antologias da segunda metade do século XX

327

O maior ou menor interesse pelas cartas de Maquiavel pode também ser visto ao espaço dedicado a elas em algumas histórias literárias italianas. Sem grandes exceções, as cartas comumente aparecem de maneira bastante marginal, pois este material teve um estranho destino, já que, de acordo com Gaeta, o epistolário pode ser considerado, “il più ricco, vario, colorito, umano epistolario del ‘500” (1961, p. 3).

Embora Francesco De Sanctis, na *Storia della Letteratura Italiana*, publicada, pela primeira vez, em 1871⁵, dedique a Maquiavel importantes reflexões dentro do capítulo intitulado “Cinquecento”, como a em que afirma: “Il Machiavelli è la coscienza e il pensiero del secolo, la società che guarda in sé e s’interroga e si conosce; è la negazione più profonda del medioevo, e insieme l’affermazione più chiara de’ nuovi tempi; è il materialismo dissimulato come dottrina, e ammesso nel fatto e presente in tutte le sue applicazioni alla vita” (2009, p. 515) e o con-

5 Vale lembrar que Francesco de Sanctis pode ser considerado o primeiro historiador da literatura italiana a relacionar arte e sociedade e a negar a concepção puramente estética da literatura, considerando-a por um lado como parte da história e da filosofia, e por outro como produto do escritor e da sociedade.

Andréia
Guerini

Eliziane Mara
de Souza

328

sidere um dos primeiros grandes pensadores da ciência moderna e um grande prosador, dedicando-lhe todo um capítulo dentro da sua famosa história, não aparecem referências às cartas, ou melhor, algumas de suas observações estão ancoradas em alguns poucos aspectos do epistolarário de Maquiavel, pois ele comenta apenas duas cartas. A primeira, de 17 de dezembro de 1517, de Maquiavel para Lodovico Alamanni sobre Ariosto, em que Maquiavel escreve:

Io ho letto ad questi dí *Orlando Furioso* dello Ariosto, et veramente el poema è bello tutto, et in di molti luoghi è mirabile. Se si truova costí, raccomandatemi a lui, et ditegli che io mi dolgo solo che, havendo ricordato tanti poeti, che m'habbi lasciato indietro come un cazzo, et ch'egli ha fatto a me quello in sul suo *Orlando*, che io non farò a lui in sul mio *Asino*. (MACHIAVELLI, 1961, p. 383).

Outra carta mencionada pelo historiador italiano é a dirigida a Francesco Vettori, de 1513. Além dos aspectos de conteúdo indiscutíveis dessa carta, De Sanctis a considera uma das mais poéticas (1958b, p. 74), especialmente nos trechos em que Maquiavel narra suas caminhadas no bosque com livros de Dante/Petrarca/Ovídio, como podemos ler abaixo:

Partitomi del bosco, io me ne vo a una fonte, et di quivi in un mio uccellare. Ho un libro sotto, o Dante o Petrarca, o un di questi poeti minori, come Tibullo, Ovvidio et simili: leggo quelle loro amorose passioni et quelli loro amori, ricordomi de' mia, godomi un pezzo in questo pensiero. (MACHIAVELLI, 1961, p. 303).

Essa carta, além do anúncio oficial da escrita do *Príncipe*, como referido acima, chama a atenção pelo fato de Maquiavel querer inicialmente dedicá-lo a Giuliano di Médici⁶ e não a Lorenzo di Médici como acabou acontecendo:

⁶ Giuliano di Médici (1479-1516), Duque de Nemours, Filho de Lorenzo de' Medici (1449-1492), O Magnífico.

Et se vi piacque mai alcuno mio ghiribizo, questo non vi doverrebbe dispiacere; et a un principe, et maxime a un principe nuovo, doverrebbe essere accetto; però io lo indrizzo alla M.tia di Giuliano (MACHIAVELLI, 1961, p. 304).

Essas são praticamente as poucas menções de De Sanctis sobre as cartas. Já se tomarmos outro importante historiador italiano, Asor Rosa, na sua recente *Storia Europea della Letteratura Italiana* (2009) é possível verificar que as cartas ganham um peso maior e servem para “testemunhar” aspectos do período renascentista. Assim, para dar uma ideia da vastidão dos conhecimentos humanísticos de Maquiavel, pois é citada uma lista de autores antigos (como Lívio, Plutarco, Tácito), presentes na carta de Maquiavel a Vettori, datada de 23 de novembro de 1513. Posteriormente, como forma de salientar a paixão de Maquiavel pela ação política, Asor Rosa transcreve parte da Carta de 09 de abril de 1513, destinada a Francesco Vettori, em que Maquiavel deixa claro sua vontade de discutir política, em detrimento das outras coisas do mundo:

Se vi è venuto a noia il discorrere le cose, per veder molte volte succedere e' casi fuori de' discorsi et concetti che si fanno, havete ragione, perché il simile è intervenuto a me. Pure se io vi potessi parlare, non potre' fare che io non vi empiessi il capo di castellucci, perché la fortuna ha fatto che, non sapendo ragionare né dell'arte dell'arte della seta, né dell'arte della lana, né de' guadagni né delle perdite, e' mi conviene ragionare dello stato, et mi bisogna o botarmi di stare cheto, o ragionare di questo. (MACHIAVELLI, apud ASOR ROSA, 2009, p. 543).

Além disso, o epistolário de Maquiavel é considerado por Asor Rosa:

certamente il piú intenso e il meno letterario (quindi il piú moderno) della nostra letteratura, che solo un malinteso senso del pudore e um pregiudicio di natura, appunto, retorica hanno finora relegato al rango di documento umano o di semplice serbatoio di spunti per la comprensione delle opere maggiori, svela con estrema chiarezza l'impossibilità di stabilire in lui una cesura fra sensibilità e intelligenza, fra struttura materiale della psicologia e funzionamento del cervello. (2009, p. 540).

*O Maquiavel
das cartas:
os paratextos
de algumas
antologias
da segunda
metade do
século XX*

329

Andréia
Guerini

Eliziane Mara
de Souza

330

Os paratextos das antologias: um olhar sobre o homem político

De acordo com Gaeta, o epistolário de Maquiavel pode ser dividido em quatro grupos: a) correspondência com amigos e superiores; b) correspondência com Francesco Vettori; c) correspondência com Francesco Guicciardini; d) correspondências familiares (1961, p. 8).

Se analisarmos mais detalhadamente cada antologia, é possível traçar aspectos convergentes e divergentes entre elas. Numericamente, a antologia inglesa é a mais completa, contendo 64 cartas, seguida pela italiana, com 29, depois a francesa com 12 e, por fim, a brasileira, com 10.

Todas as antologias apresentam algum tipo de paratexto: introdução, apresentação, notas, bibliografia. Através desse "discurso de acompanhamento" é já possível ter uma noção do tipo de Maquiavel que dali emerge, bem como a concepção acerca do período em que ele se insere, pois são também os paratextos, como lembra Chevrel "qui est souvent le lieu où l'idéologie apparaît le plus en clair"⁷. Embora Gérard Genette considere também como paratextos "certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações" (2010, p. 9), neste artigo nos deteremos basicamente nas apresentações/introduções.

Assim, a antologia organizada por Raimondi apresenta uma introdução geral de 15 páginas, uma nota biobibliográfica em que destacamos a rica seleção da fortuna crítica de Maquiavel, com um suplemento bibliográfico para a oitava edição de 1983, além das notas ao final do livro. No tocante à introdução, o leitor é conduzido para o homem político, como sugere, já de início, a epígrafe escolhida, que é uma frase de Leonardo Bruni, autor caro a Maquiavel, em que ele diz: 'Altrimenti si governa il cielo e altrimenti la terra' (1983, p. IX). O verbo 'governar' da epígrafe é indicador de um escritor que se tornou famoso pelas reflexões sobre a arte de governar, pois o *Príncipe*, em síntese, trata da história, da

7 CHEVREL, Yves "Les traductions et leur rôle dans le système français", In 1989, p. 38.

filosofia e da formação do pensamento político. Raimondi, entretanto, não deixa de tratar de aspectos da formação intelectual de Maquiavel, e os relacionados à sua prodigiosa capacidade de inventar com humor e ironia, a sua ‘fantasia beffarda’ (p. XI), a sua perspicácia em saber compreender o mundo que o circundava e, em especial, o período histórico em que ele se inseria (p. XVI). À parte esses detalhes, a introdução não apresenta nem fala diretamente da seleção de cartas em si, mas trata, principalmente, do perfil do escritor de *O príncipe* e dos *Discursos*, já que essas e outras obras também estarão presentes nesta antologia e, naturalmente, são as obras consideradas maiores. Detalhe curioso é o fato de a seleção de cartas abrir o livro, seguida de *O príncipe*, os *Discursos*, a *Arte da guerra*, *Histórias florentinas*, passando por vários outros escritos e concluir com a *Mandrágora*.

Na antologia inglesa, contendo apenas cartas, há uma introdução de 69 páginas, dividida em 8 partes, em que temos detalhes da biografia e também de fatos históricos e políticos. Em algumas passagens, o autor da introdução, Allan Gilbert, procura destacar as ideias do homem de Estado com o literato. Dessa longa introdução, apenas a primeira e a segunda partes são dedicadas a aspectos mais gerais, com elementos biográficos e históricos, e as partes restantes, são destinadas a tratar especificamente do conteúdo das cartas presentes na antologia, em que há uma predominância do Maquiavel político, contrariando em parte o que Joseph Cropsey, professor da Universidade de Chicago, citado na contracapa do livro, diz sobre o perfil dessa antologia, ou seja, que ali permeiam dois grandes temas: o Maquiavel, homem de negócios de Estado e o Maquiavel com sua ‘flutuação existencial’. Esses aspectos não são mencionados à toa, pois visa, entre outros, atrair o leitor interessado, principalmente, no homem político. Assim, Maquiavel aparece como um gênio do pensamento político, em maior escala e, em menor, como um homem comum.

Na edição francesa, que além das cartas, traz outras obras de Maquiavel, temos uma introdução de 13 páginas, uma apresentação à obra, de 7 páginas, uma pequena bibliografia de estudos sobre Maquiavel, as traduções da obra de Maquiavel para o francês, uma biografia, que ocupa um grande espaço e notas em que são esclarecidos alguns aspectos sobre fatos históricos, termos, conceitos e personalidades citadas. Os paratextos dessa antologia parecem um pouco mais sofisticados, pois destacam e transitam entre o caráter temporal e atemporal da obra de Maquiavel. Ademais, a forma como esta antologia é organizada parece

Andréia
Guerini

Eliziane Mara
de Souza

332

dar destaque ao escritor de obras literárias, pois a primeira parte da antologia é dedicada à “Poesia e prosa diversas”, a segunda ao “Teatro”, a terceira a “Obras políticas”, a quarta a “Obras históricas” e a última ao que denominam “Cartas familiares”.

A edição brasileira aparentemente é a mais tímida e a mais “didática” de todas, pois a apresentação tem apenas duas páginas, na qual o organizador, Sergio Bath, diz “as dez cartas foram acrescentadas a esta edição, em que *O príncipe* se destaca, para dar certa perspectiva da personalidade do autor” (1996, p. 8). Além disso, não há nenhum tipo de nota tanto nas cartas quanto na edição de *O príncipe*, pois o organizador e também tradutor esclarece: “não há notas, porque não se pretendeu chegar a um texto erudito, mas sim, acessível, revestido da maior clareza possível” (1996, p. 8). Contudo, é a única a afirmar claramente que quem conhece Maquiavel só pelo *Príncipe* “fica com uma visão inadequada do pensamento maquiavélico” (Idem), pois exemplifica que aspectos como sua aderência ao sistema republicano só aparecem claramente nos *Discursos*. Há também um Maquiavel “comediógrafo” e o “diplomata” que vamos encontrar nos relatórios de suas numerosas missões; e o homem reflexivo, melancólico, queixoso da sorte, às vezes picaresco que transparece na correspondência particular” (1996, p. 8). Ademais, as cartas, nessa edição brasileira, são sempre precedidas de uma breve apresentação, situando-as historicamente, além de se mencionar a data em que foi enviada, seu destinatário e outras informações relevantes para o entendimento do texto.

Como evidenciado acima, esses paratextos anunciam, de certa forma, os aspectos norteadores das escolhas e o perfil de Maquiavel que querem destacar. Através deles, percebe-se o predomínio de um perfil de escritor fortemente ligado à política. Os paratextos da edição inglesa nos dão uma imagem mais ampla de Maquiavel e de seu tempo pelo número de cartas ali contidas e pelo conjunto de outras informações paratextuais, conduzindo o leitor para um maior conhecimento sobre Maquiavel, em particular e a Renascença, em geral. Esse maior número de cartas pode também se traduzir pelo interesse com que os ingleses têm pelo período histórico em que Maquiavel viveu e por apresentarem uma maior abertura para um escritor que foi censurado em determinados contextos e períodos. A publicação de uma antologia exclusiva de cartas pode ser revelador de um maior interesse pelo perfil do escritor que traz consigo três elementos caros à tradição inglesa: pessimismo, ceticismo e ironia.

Por outro lado, as edições francesa e italiana possibilitam uma visão mais ampla do conjunto da obra de Maquiavel, até pelo fato de não ser uma antologia só de cartas. A maior parte das cartas selecionadas para a edição italiana e a francesa são as enviadas a Vettori, e nessas cartas o enfoque vai além do estritamente político, pois avança para os campos de cunho mais histórico, literário e pessoal, em que aparecem de elementos da invenção, fantasia, imaginação de Maquiavel, pois, de acordo com Raimondi, são tão “ricche di estri e d'invenzione di scatti e di sorprese, di crucci e di abbandoni, da costituire, all'interno d'un genere, un documento quase unico” (1983, p. XI).

Na edição brasileira, opta-se pelo homem político. Já os paratextos que antecedem cada uma das dez cartas dão uma visão mais humana e positiva e não pejorativa da obra de Maquiavel, não por acaso, a décima e última carta da seleção é a que Maquiavel escreveu em 2 de abril de 1527 ao filho Guido. Nessa carta, o autor de *A arte da guerra* aconselha, como um bom pai, o filho a estudar e a trabalhar com afinco para aprender literatura e música, pois quer fazer do filho um “homem de bem”. Diz Maquiavel: “Se Deus te der vida, e a mim também, e se de teu lado cumprires teus deveres, penso que farei di ti um homem de bem” (p. 102).

Não obstante, de modo geral, os paratextos tendem, direta ou indiretamente, a enfatizar o homem político talvez para fazer com que o leitor consiga melhor entender a elaboração da obra prima de Maquiavel, porque como afirma Michael White, na biografia *Maquiavel: um homem incompreendido*, *O príncipe* é “um dos livros mais mal compreendidos que existiram, e aqueles que compreenderam mal sua intenção também compreendem mal o homem que o escreveu, maculando o nome do autor junto com a filosofia que ele descreve” (2007, p. 35).

E se em 2013 comemoram-se os 500 anos da publicação de *O príncipe* seria oportuno que novas traduções da obra de Maquiavel fossem publicadas e que os paratextos elucidassem de maneira mais globalizante o perfil multifacetado desse grande autor florentino, pois seria uma forma para melhor compreendê-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASOR ROSA, Alberto. **Letteratura italiana**: umanesimo e renascimento. Torino: Einaudi, 2007. v. 3.



____. **Storia europea della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2009.

BAGNO, Sandra. “Maquiavélico” versus “maquiaveliano” na língua e nos dicionários. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Brasil, n. 22, p.129-150, 2008.

Andréia
Guerini

BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

Eliziane Mara
de Souza

CHEVREL, Yves. Les traductions et leur rôle dans le système littéraire français. In: KITTEL, H. (Éd.). **Die literarische Übersetzung**. Stand und Perspektiven ihrer Erforschung. Berlin: Erich Schmidt. 1989.

334

DE SANCTIS. **Storia della letteratura italiana**. Milano: Bur, 2009.

Empires: Medici: the godfathers of the Renaissance. n. 2. Magnificent Medici. TV Serie 2004. United Kingdom, PBS Home Vídeo/US.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

MACHIAVELLI, Niccolò. **The letters of Machiavelli**: a selection. Allan Gilbert (Ed.). Chicago: University of Chicago Press, 1988.

____. **Lettere**: a cura di Franco Gaeta. Milano: Feltrinelli, 1961.

____. **O príncipe e dez cartas**. Organização, tradução e apresentação Sérgio Bath. 3. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1996.

____. **Oeuvres complètes**. Introduction par Jean Giono. Texte Présenté et annoté par Edmond Barinco. Belgique: Gallimard/NRF, 1952.

____. **Opere**. a cura di Ezio Raimondi. Milano: Mursia, 1983.

PINZANI, Alessandro. **Maquiavel & O príncipe**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

WHITE, Michael. **Maquiavel**: um homem incompreendido. Rio de Janeiro: Record, 2007.

